



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**FRANKLIN JOSÉ DOS REIS**

**A FILOSOFIA MORAL E A PSICANÁLISE: UM DIÁLOGO ÉTICO ENTRE AS  
DUAS**

**CAMPINA GRANDE  
2021**

FRANKLIN JOSÉ DOS REIS

**A FILOSOFIA MORAL E A PSICANÁLISE: UM DIÁLOGO ÉTICO ENTRE AS  
DUAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

**Área de concentração:** Psicologia.

**Orientador:** Prof. Me. Jorge Dellane da Silva Brito.

**CAMPINA GRANDE  
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R375f Reis, Franklin José dos.  
A filosofia moral e a psicanálise [manuscrito] : um diálogo ético entre as duas? / Franklin Jose dos Reis. - 2021.  
22 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2021.  
"Orientação : Prof. Me. Jorge Dellane da Silva Brito ,  
Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."  
1. Filosofia moral. 2. Ética. 3. Psicanálise. I. Título  
21. ed. CDD 170

## **A FILOSOFIA MORAL E A PSICANÁLISE: UM DIÁLOGO ÉTICO ENTRE AS DUAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia.

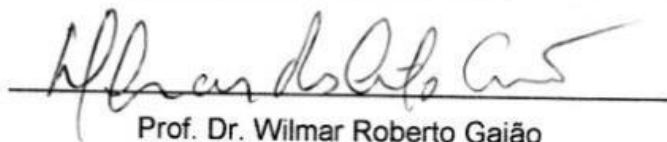
Aprovada em: 05/11/2021.

### **BANCA EXAMINADORA:**



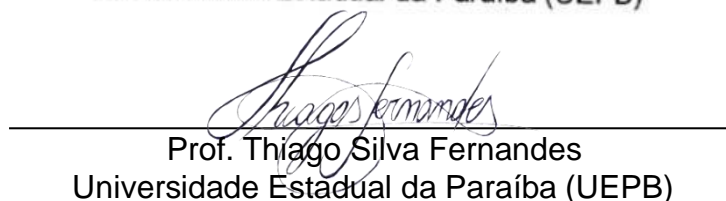
---

Prof. Me. Jorge Dellane da Silva Brito (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Wilmar Roberto Gaião  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Thiago Silva Fernandes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai Francisco José dos Reis (in memoriam), pelo imenso incentivo que ele me dava para perseverar em todos os meus projetos, DEDICO.

“Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio”.

Immanuel Kant

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	07
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	07
2.1	Ética e Moral .....	07
2.2	Ética da Psicanálise .....	10
3	METODOLOGIA .....	12
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	12
5	CONCLUSÃO .....	18
	REFERÊNCIAS .....	20

## A FILOSOFIA MORAL E A PSICANÁLISE: UM DIÁLOGO ÉTICO ENTRE AS DUAS?

### MORAL PHILOSOPHY AND PSYCHOANALYSIS: AN ETHICAL DIALOGUE BETWEEN THESE TWO?

Franklin José dos Reis\*

#### RESUMO

Este artigo busca situar um panorama crítico e pesquisar a relevância e a legitimidade sobre os estudos teóricos entre a Filosofia Moral e a Psicanálise. Baseou-se num enfoque entre a eudaimonia Aristotélica e a deontologia Kantiana em contraste com a Psicanálise Freudiana e Lacaniana. Destacam-se uma revisão sistemática e bibliográfica acerca de tais temas para a verificação da plausibilidade ética da Psicanálise, pois a mesma deriva uma ética própria, uma ética do desejo, como definida por Lacan (2008). Para este artigo, foi realizada uma busca nas bases de dados através de livros em mídia física e digital e de artigos e periódicos na língua portuguesa através das plataformas da SCIELO Brasil (*Scientific Electronic Library Online*), Google Acadêmico e PEPSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia). Os materiais utilizados apontam para os resultados obtidos em lacunas epistemológicas e éticas na Psicanálise, que podem incorrer em agravos para os pacientes que deles se utilizam dessa técnica. Conclui-se, então, a significância deste artigo para discutir esse tema que por certo é tão escasso na literatura científica e acadêmica.

**Palavras-Chave:** Filosofia Moral. Ética. Psicanálise. Ética da Psicanálise

#### ABSTRACT

This paper aims to present a critical perspective and to research the relevance and legitimacy of theoretical studies between Moral Philosophy and Psychoanalysis. It was based on a focus between the Aristotelian eudaimonia and the Kantian deontology in contrast with the Freudian and Lacanian Psychoanalysis. It is highlighted a systematic and bibliographic revision concerning these themes to verify the ethical plausibility for Psychoanalysis, for it has a its own ethics, an ethics of desire, as defined by Lacan (2008). For this paper, the data was used through digital and physical books, and Portuguese language journals through websites such as SCIELO Brasil (Scientific Electronic Library Online), Google Academics and PEPSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia). The materials point to results concerning epistemological and ethical gaps on Psychoanalysis, which may incur grievance to the patients who's the professional uses this technique. Hence, this paper concludes the significancy of this work to discuss such theme which is so scarce in the academic and scientific literature.

**Keywords:** Moral Philosophy. Ethics. Psychoanalysis. Ethics in Psychoanalysis.

---

\*Graduando em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: [franklinreisdagda@gmail.com](mailto:franklinreisdagda@gmail.com)



## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, as palavras Ética e Moral se tornaram corriqueiras nos noticiários, jornais, blogs e rodas de conversa. Esse discurso atravessa também as áreas da Ciência em geral. Escuta-se com frequência que determinado procedimento científico tem respaldo na ética profissional, ou que determinado profissional não teve uma conduta ética. Para isso, é necessário entender a área do conhecimento denominada Ética ou Filosofia Moral (SPERBER-CANTO, 2004). A Filosofia, no entanto, tenta identificar, com o saber ético, o melhor para o ser humano, sendo de muita importância este apelo moral na Ciência, pois a sociedade depende das suas descobertas e das consequências destas.

A ética é uma característica própria a toda ação humana, tendo como objetivo facilitar a realização das pessoas. Concomitantemente, a Psicanálise – cuja criação se dá pelo neurologista austríaco Sigmund Freud em 1882 e tendo Jacques Lacan como um dos expoentes no período posterior do seu criador – inaugura um *modus ethica* particular e tem uma relação particular com a Moral e a Ética. Freud, nos seus escritos, designava as duas como essenciais para a formação de uma instância psíquica que ele designa como Superego, porém a obediência à moral era a causadora das renúncias pulsionais e seu conseqüente adoecimento psíquico, causando no homem o que ele anunciava como neuroses (FREUD, 1930). Já para Lacan, a Psicanálise instaurou uma ética própria. Com a exposição de seu seminário, que depois se originará seu 7º volume denominado “A Ética da Psicanálise”, ele aborda que a ética da psicanálise é a ética do desejo, sendo esta uma falha estrutural na determinação simbólica do sujeito, sendo isso a causa da inacessibilidade do acesso ao *das Ding*, ou objeto do desejo (JUNQUEIRA; COELHO JUNIOR, 2005).

Tendo sido explanado isso, é mister fazer-se a pergunta: Qual a validade das proposições da Psicanálise em relação à Filosofia Moral? Como é a relação da Ética na Psicanálise, em vez de abordar a questão da Ética da Psicanálise? Como o Conselho de Psicologia vê a relação entre a Psicanálise – enquanto disciplina teórica e prática ensinada nos cursos de Psicologia – e o decoro da ética dos seus atendimentos, já que a Psicanálise responde por uma ética própria?

Considerando a complexidade e a escassez de artigos e livros retratando a relação da Filosofia Moral na Psicanálise, faz-se necessário um acompanhamento literário mais minucioso, de modo que permitam a análise da situação e a conseqüente crítica a ela. Assim, o presente trabalho tem como objetivos: (1) descrever a relação entre a Filosofia Moral (principalmente através de duas correntes filosóficas, como a eudaimonia e a deontologia) e a Psicanálise (se concentrando na Psicanálise Freudiana e a Lacaniana), e (2) analisar a legitimidade existente entre a validade ética da prática psicanalítica e ética presente nas Ciências (principalmente a Psicologia).

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Ética e Moral

A Ética, ou Filosofia Moral como cita Canto-Sperber (2004) é um ramo da filosofia que se propõe a estudar e a investigar os princípios das ações humanas. A raiz da palavra ética (substantivo *ethos*; adjetivo *ethike*, do grego) é entendida como “costumes” ou “estilo de vida”, sendo tal conceito traduzido para o latim como o termo “mos”, que seria a raiz da palavra conhecida hoje por moral.

A Moral seria atribuída ao escopo de princípios e normas relativos a conceitos relativos ao Bem ou ao Mal, que se faria uso da Moral para podermos avaliar, qualificar e julgar as ações humanas (SPERBER-CANTO, 2004). Há autores que argumentam que os dois termos correspondem à mesma etimologia. Tugendhat (2012) cita que os termos *ética* e *moral* podem ser intercambiáveis, e que alguns autores contemporâneos os tratam com significados distintos. Mas, para melhor compreensão, o autor deste artigo utilizará a palavra *Ética* para designar o tema proposto.

Para que se possa discutir com maior profundidade os conceitos e temas fundamentais da *Ética*, é necessário que se saiba suspender e conter as próprias visões particulares acerca de um determinado fato ou ponto de vista e adotar, o que Ferraz (2014) afirma como “ ponto de vista da razão”:

Em verdade, trata-se de adotar um ponto de vista em que o subjetivo coincida com o objetivo. Assim, o que se quer dizer é que adotar a perspectiva da moral envolve adotarmos um ponto de vista não particularizado, não relativizado. Significa, então, justificar a resposta àquela pergunta fundamental recém mencionada: “o que devo fazer?” Aqui o interesse individual deverá estar em acordo com o que pode ser justificado diante de outros sujeitos capazes de racionalidade. (FERRAZ, 2014, p. 10).

Outra característica própria da *Ética* se deriva de sua fundamentação prática. É sabido que o *ethos* (costumes) se une concomitantemente à *práxis* (prática). Para os gregos, só se falava em um *ethos* quando se estava inserido numa comunidade/sociedade. Ora, nesse caso, a *Ética* volta sua atividade a uma racionalidade prática, para que tenhamos subsídios, a fim de que haja uma razão para o agir (justificativa). Para que essa natureza prática se traduza no nosso cotidiano, é necessário que ela se manifeste para nós em normas, como sinalizado por Sperber-Canto (2004):

Seja qual for o conteúdo que se dá à moralidade, e mesmo quando se quer que ela seja um artifício, é difícil negar que toda a vida humana socializada supõe a existência desse gênero de regras chamadas normas: o homem é um ser normativo. (SPERBER-CANTO, 2004, p. 13).

Em concordância com essa ideia, tais normas podem ser de dois tipos: ou universais ou próprias para um determinado grupo ou região. As normas “podem ser leis universais que se aplicam a todos os seres humanos e restringem seu comportamento” (SPERBER-CANTO, 2004). Desta forma, sabemos por exemplo, que torturar alguém é recusado como um ato eticamente reprovável, ou que devemos ao homem e à mulher – enquanto seres humanos – um tratamento justo e equânime. Tais normas são universais em qualquer sociedade ou cultura democrática. Nessas sociedades, tais normas universais de comportamento moral se traduzem nos seus sistemas jurídicos e em suas leis. No caso de grupos com regras morais próprias, o que se nota é um sistema de leis e normas que não são públicas ou que não possuem um teor ou conteúdo de fácil assimilação para a população em geral. Nesse caso, poderíamos ilustrar a recusa da denominação das Testemunhas de Jeová em sua proibição com a utilização de sangue (desde como comida até manipulação médica).

Mas, qual seria, portanto, a questão fundamental da *Ética* como saber epistemológico? Pode-se responder essa questão nomeando questões fundamentais, e uma dessas questões é a felicidade. Desde a Antiguidade ela tem um papel fundamental nos modelos éticos (desde a eudaimonia aristotélica quanto a

deontologia kantiana). Mas, para se entender a felicidade, necessita-se mencionar que a Ética é uma “disciplina ligada a um uso prático da razão, isto é, voltado para a ação” (FERRAZ, 2014). Ora, sendo assim, pode-se visualizar que umas das questões elementares dela é acerca de seu caráter prático. Pois quando se menciona: O que eu devo fazer? Há nas minhas inclinações e ações algum limite? Numa determinada situação X, não seria moralmente mais aprazível adotar postura Y?

Sendo assim, visualiza-se que a ética busca responder a algo. Aristóteles (1991) responde essa questão na Ética a Nicômaco dizendo:

Toda a perícia e todo o processo de investigação, do mesmo modo, todo o procedimento prático e toda a decisão, parecem lançar-se para um certo bem. É por isso que tem sido dito acertadamente que o bem é aquilo porque tudo anseia. (ARISTÓTELES, 1991. p. 17)

O filósofo e teólogo Tomás de Aquino compartilha deste pensamento quando diz em sua Suma Teológica: “o bem há de ser buscado e o mal evitado”. Por consequência, a Ética seria então a busca desse bem. Para essa categoria da Filosofia Moral, foi dado o nome de *Eudaimonia* (do grego *Eu*: bom, e *Daimon*: espírito, gênio). Na obra de Aristóteles, essa palavra é utilizada como equivalente ao Sumo Bem ou à Felicidade (ARISTÓTELES, 1991). Nesse caso, se a ética se compõe nessa busca pelo bem, tem-se uma ideia de um Bem que possa ser alcançado, conseqüentemente, quer esse bem objetivo exista como uma ordem ou uma realidade, ele explica o porquê de em nós humanos existir uma racionalização ou uma objetividade quando o tema é nossos valores. Como cita Sperber-Canto (2004) em sua obra:

Ela corresponde à intuição de que é possível julgar a respeito do bem segundo critérios relativamente estáveis, adotando um ponto de vista de terceira pessoa ou impessoal. Ela tende à necessidade de definir os constrangimentos de ordem e de coerência, aos quais é submetido o conjunto dos bens humanos. Essa concepção está estreitamente ligada à ideia de que existem bens humanos objetivos. (SPERBER-CANTO, 2004, p. 29).

Dando prosseguimento acerca das discussões da Ética, chegamos na justificativa e sua problemática para a filosofia kantiana. A visão que Kant demonstra para a ética se estruturou não mais na Felicidade ou o Sumo Bem tão apregoado pela visão aristotélica. Kant não se preocupa com o objeto final da ética nem com o produto derradeiro de uma vida moral. Kant está preocupado com a justificativa do porquê podemos levar uma vida ética. Para ele, a pergunta principal seria: “Porque é moralmente errado roubar?” do que “ Roubar é errado?” Pois, ainda que reconheçamos o propósito da Lei, isso não significa que seremos estimulados a seguir tais ditames. Sendo assim, a principal contribuição de Kant para a Filosofia Moral é responder de uma forma precisa e válida tais conflitos morais, pois como é frisado por Sperber-Canto (2004) quando ela relata que essa contribuição

É considerada uma autêntica revolução, na medida em que rompe com uma longa tradição teleológica [...] e ela pretende fundar normas de ação válidas para todo o ser racional em fatos ligados à constituição particular da natureza humana. (SPERBER-CANTO, 2004, p. 25).

Kant estruturou sua discussão com dois tratados: “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” de 1785 e “Crítica da Razão Prática” de 1788. Lançando suas bases filosóficas nesse primeiro tratado, podemos dividir sua escrita acerca da

moral e ética em três seções: na primeira parte ele explana seu entendimento acerca do senso comum como modelo pré-filosófico de um agir moral. Na segunda parte, ele descreve de uma forma analítica acerca do agir racional para formular sua tese de imperativo categórico. Na terceira parte, ele finaliza demonstrando que o homem é capaz de agir moralmente; para isso, ele se utiliza do modelo sintético para demonstrar que o imperativo categórico é o princípio supremo da moralidade (FERRAZ, 2014).

Dito desta forma, para Kant é vital o entendimento de que o homem é capaz de um proceder moral e ético, e se ele o faz desse modo, entender que a ética não é um desvario utópico. Para ordenar isso de forma inteligível, Kant estrutura seu argumento na forma de imperativos categóricos.

O Imperativo categórico, como visto, ordena de maneira incondicional (“deves fazer X”). Trata-se de um imperativo apodítico: vale necessária e universalmente. É o único imperativo moral. Ele é necessário a seres que não possuem uma “vontade santa” (compreendida como identificação necessária entre querer e dever). Afinal, o homem é um ser racional finito, ou seja, um “ser sensível dotado de razão”, o qual pode 1) ou agir conforme a razão 2) ou agir conforme a determinações empíricas. (FERRAZ, 2014, p. 175).

Mas para entender o dever que Kant propõe, é necessário compreender que tal dever tem um sentido original na Ética kantiana. Para Kant, tal dever não é subordinado aos nossos caprichos e devaneios, nem da ordem do condicional ou hipotético, mas, se impõe para nós em caráter absoluto e categórico.

Dito isso, Kant estrutura seu imperativo em formulações, dentre elas as mais conhecidas são as seguintes: 1) “Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal” (fórmula da lei universal); e 2) “Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio” (fórmula do fim em si).

Posto isso, Kant deixa incluso que um dever é moral, se, e somente se, estiver nivelado à Lei Moral; assim sendo, ele só seria moral e ético quando eles obedecessem a aplicabilidade universal e de forma contínua, irrefutavelmente sem que haja uma contradição no pensamento ou na vontade (SPERBER-CANTO, 2004).

## 2.2 Ética da Psicanálise

Progredindo na discussão, discutir-se-á como a Psicanálise trata a Filosofia Moral e sua relevância dentro do seu escopo teórico e prático. Freud inicia essa relação com a ética com o escrito de 1908 intitulado “Moral sexual ‘civilizada’ e a doença nervosa moderna”, no qual ele queria apurar a origem da moralidade e a percepção ética – seja ela de modo particular ou numa sociedade. Sua reflexão acerca do tema o leva a discorrer que a moralidade (que ele designa como “moral sexual”) não é intrínseca ou inerente ao homem, mas ela procede do convívio em comunidade e regra a nossa agressividade, sendo, portanto, uma necessidade para a sobrevivência da espécie humana (FREUD, 1908).

Avançando na cronologia de seus escritos, em “Totem e Tabu”, ele narra uma mitologia acerca de um Pai primitivo assassinado pelos seus filhos. Nessa narrativa, Freud interpreta que nossa noção de civilização e comportamentos neuróticos têm a mesma raiz, sendo essa a rejeição das pulsões. Isto posto, para a Psicanálise, o

analisando com seus embates pulsionais teria na realidade conflitos éticos e morais, que seriam sanados num processo analítico (FREUD, 1912-13).

Doravante, é na obra intitulada “Moisés e o Monoteísmo” que Freud descreve a ética como um entrave às realizações pulsionais e a gênese de algumas enfermidades psíquicas. Como ele descreve a seguir:

Retornando à ética, podemos dizer, em conclusão, que uma parte de seus preceitos se justifica racionalmente pela necessidade de delimitar os direitos da sociedade contra o indivíduo, os direitos do indivíduo contra a sociedade, e os dos indivíduos uns contra os outros. Mas o que nos parece tão grandioso a respeito da ética, tão misterioso e, de modo místico, tão auto-evidente, deve essas características à sua vinculação com a religião, à sua origem na vontade do pai. (FREUD, 1939, p. 60).

Segundo Freud, os mecanismos que a estrutura psíquica se utiliza para lidar com o embate da moral com as pulsões se dão através do recalque e da sublimação. Freud destaca um papel principal para o mecanismo do recalque, pois por meio dele, seu contributo se dá para mediar quando a cultura ou ética individual se choca com as pulsões, tudo isso mediado através do Superego.

O superego - proposto por Freud como a instância que representa a moral social no indivíduo, como aquele que baseado em um ideal de ego vigia e censura o ego - constitui-se por meio das exigências da realidade e das interdições parentais, sendo um representante do Id. (JUNQUEIRA; COELHO JUNIOR, 2005, p. 15).

Para o Id, quando ele está sendo formado, é introjetado não somente o domínio da moral vigente, ou a pulsão que foi interdita, mas é internalizado todo esse embate de ambos (tanto o conflito quanto o desejo). Em consequência disso, Freud escreve em sua obra “Esboço de Psicanálise” (1938) que:

Quanto mais nosso trabalho progride e mais profundamente a nossa compreensão interna (*insight*) penetra na vida mental dos neuróticos, mais claramente se impõem à nossa observação dois novos fatores, os quais exigem a mais rigorosa atenção, como fontes de resistência [...] O primeiro desses dois fatores é o sentimento de culpa ou consciência de culpa, como é chamado, embora o paciente não o sinta e não se dê conta dele. Trata-se, evidentemente, da parte da resistência que é contribuição de um superego particularmente severo e cruel [...] Essa resistência não interfere concretamente em nosso trabalho intelectual, mas torna-o inoperante. (FREUD, 1938, p. 87).

Em consequência disso, Junqueira e Coelho Junior (2005, p. 17) relatam que “a inclusão do trabalho com o Superego como fundamental no desenrolar do processo analítico é para nós uma implicação clínica da reflexão de Freud sobre a ética e a formação da consciência moral.”

Lacan, entretanto, terá uma visão bem particular acerca do papel da Ética. Em consonância com seu repúdio ao idealismo, ele funda o que nomeará como a *Ética do desejo*, sendo uma referência à falta estrutural na cadeia simbólica do sujeito, que impede de acessar o *das Ding*, nesse caso, o objeto do desejo (JUNQUEIRA; COELHO JUNIOR, 2005). Para Lacan, para além do uso prático da razão – que é um imperativo imprescindível em qualquer base ética – está o registro do gozo, que é a inscrição do Real na vida do sujeito (LACAN, 2008, p. 38). Junqueira e Coelho Junior (2005) explicitam que Lacan não imprime uma importância para o Bem Supremo ou a

universalidade da ética. Para ele, só há falta, e só há duas maneiras para que o homem possa lidar com o problema que é seu desejo: através da “verdade libertadora do desejo” e da sublimação – que ambas são conquistadas através da análise. Sendo assim, a ética da psicanálise lacaniana é a ética do desejo e do gozo – sendo, portanto, instaurada uma ética própria – e ela tem uma relevância fundamental para a clínica, pois é a mesma que dita a direção do processo analítico (JUNQUEIRA; COELHO JUNIOR, 2005, p. 116).

### 3 METODOLOGIA

O presente artigo é do tipo bibliográfico, dedutivo, exploratório e de cunho qualitativo. Ele aborda a relação entre a Filosofia Moral e a Psicanálise, onde faz uma leitura e uma ponderação crítica acerca da postura da prática psicanalítica em torno da Ética. Seguindo tal apontamento, utilizou-se do método da revisão bibliográfica, que Noronha e Ferreira (2000) esclarecem que são

estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da-arte sobre um tópico específico, evidenciando novas idéias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada (NORONHA; FERREIRA, 2000).

Após um levantamento bibliográfico e coleta de dados através de livros em mídia física e digital e de artigos e periódicos na língua portuguesa através das plataformas da SCIELO Brasil (*Scientific Electronic Library Online*), GoogleAcadêmico e PEPsic (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), que contava inicialmente com 29 elementos catalogados de janeiro de 2021 até maio de 2021. Para a amostra deste estudo foram definidos 19 desses elementos para compor o corpo teórico deste artigo, sendo a alegação dessa amostra de 19 trabalhos utilizados oriundos da escassez e precariedade de materiais acerca do tema “Ética na Psicanálise”. Dentre esses 19 materiais, foram separados 10 com os descritores “Psicanálise” e “Ética da Psicanálise” e os 9 restantes com os descritores “Ética” e “Filosofia Moral”. Para justificar a escolha de materiais literários plausíveis e fidedignos, foram aplicados os seguintes recursos: operadores Booleanos *and* e *or* e os descritores definidos como “Ética”, “Filosofia Moral”, “Ética da Psicanálise”, “Psicanálise”. O critério de inclusão para a seleção de tais materiais foi através da leitura dos respectivos resumos ou resenhas e a presença dos descritores mencionados acima. Para os critérios de exclusão, foram rejeitadas as literaturas em outros idiomas, que não viabilizassem leitura ou análise gratuitas e/ou estudos discrepantes acerca do tema.

Foram utilizados alguns desses conceitos fundamentais para uma melhor seleção desse material, que foram *a posteriori* adicionados aos objetivos específicos. Com esse levantamento, foi possível constatar que o diálogo da Ética na Psicanálise tende a ser escasso e insuficiente, sendo este artigo um prelúdio para um estudo mais apurado sobre o tema posteriormente.

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Mediante o embasamento teórico já apresentado anteriormente, em aproximadamente 5 meses foram analisados 19 artigos científicos e livros, os quais foram filtrados para a escrita deste trabalho considerando a relevância e a

fidedignidade acerca do objeto de estudo. Esses materiais foram analisados de acordo com os critérios relatados na metodologia.

A argumentação acerca da discussão dos resultados será exportada de duas formas: a primeira parte englobando as análises das discussões no campo teórico e epistemológico, e a segunda parte analisando o aspecto prático e clínico da Psicanálise.

Começando as discussões no campo teórico e epistemológico, é necessário deliberarmos sobre a natureza racional da Ética; Lacan apresenta para nós uma Ética do desejo, cuja natureza é obscura e da ordem do inconsciente.

A perda da dimensão da alteridade e primazia do inconsciente tornava necessária a crítica de Lacan [...] ciente da fragilidade do eu e da necessidade de uma prática coerente, Lacan ressaltou a importância de resgatar o verdadeiro propósito da análise: uma terapêutica baseada no desejo inconsciente. (JUNQUEIRA; COELHO JUNIOR, 2007, p. 29).

Rosa (2007) assenta essa discussão através de uma elaboração acerca dos escritos de Lacan afirmando:

O que define a Ética na Psicanálise é o fato de que, nesse caso, se considera o inconsciente e toda sua verdade. Verdade inaceitável para aqueles que consideram apenas o campo da consciência. [...] A Ética na Psicanálise é mediada, de ponta a ponta, por um saber insabido, por um saber que é da ordem inconsciente e que precisa ter vazão na análise, através da escuta do sujeito. Este saber entra em cena quando menos se espera e bifurca um discurso coerente e lógico. (ROSA, 2007, p. 42).

Porém, a Ética é equívoca em relação ao inconsciente. Para agir eticamente a motivação deve ser consciente, pois o agir ético, por si só, é um processo racional e motivado pela consciência. Sperber-Canto (2004) explica isso ao afirmar que “A razão é que a norma, à qual se relaciona esse e aquele ato, concebe frequentemente um recurso *racional* (grifo nosso) para avaliar esse ato, aceitá-lo de maneira autônoma e reconhecer-lhe um valor próprio.” (SPERBER-CANTO, 2004, p. 13). Semelhante explicação é descrita por Ferraz (2014):

E esse é um ponto central na caracterização do que seja ética: o ethos se apresenta em oposição à physis. [...] Com efeito, para melhor compreendermos esse ponto, faz-se imperioso reabilitarmos algumas categorias fundamentais da ética, notadamente as categorias de “agir humano” e de “razão” (ou racionalidade) prática. [...] Eis o aspecto prático da ética: trata-se da razão voltada para a ação, para a práxis. Seu objeto é a ação. Assim como a razão em seu uso teórico está voltada para a descrição do mundo, a razão em seu uso prático se dirige para o agir, para uma compreensão das razões que temos para agir de certa maneira (eticamente correta) e para evitar outras ações (eticamente incorretas). (FERRAZ, 2014, p. 12-13).

Portanto, convém salientar que o agir ético é um agir consciente e do querer, e por mais que se assinta na crítica de Lacan em relação à imposição dos ditames da ética social, deve-se ater que o sentimento de obrigatoriedade dos cumprimentos morais se dá através de um “querer”. Sendo assim, só age moralmente e eticamente quem assim o deseja. É possível ilustrar essa ideia analisando o seguinte exemplo: “Eu desejaria ir ao teatro, mas não pude ir, porque eu devia cumprir o meu compromisso de lavar a louça do jantar que prometi à minha esposa”. Incluso nessa

frase, há uma vontade frustrada de ir ao teatro, que foi em consequência do cumprimento de um dever para com a cōnjuge. Ao analisar esse exemplo através de uma perspectiva, o sujeito do exemplo pode muito bem trair sua palavra, não querer cumpri-la, mas ele deseja honrar sua palavra. Se ele deixa de gozar do seu entretenimento em razão da sua consciência de cumprir o seu dever, não é possível atribuir a razão de sua ação a outra coisa senão ao seu querer. Qual a razão desse pequeno exemplo? Para esclarecer a questão levantada por Freud da obediência da Ética e dos princípios morais como sendo precursores de sintomas neuróticos e cerceadores da liberdade e do desejo do sujeito. A Psicanálise coloca a obediência às normas como uma limitação à liberdade pulsional, enquanto o desejo seria associado ao não refreamento da liberdade. Entretanto, é preciso esclarecer o lugar que a liberdade ocupa perante a Ética. Naturalmente, é correto afirmar que as normas morais restringem nossa liberdade de agir, não obstante, ao acatar a norma de “não roubarás”, deixa-se de ter a liberdade de subtrair indevidamente as posses do outro. *Se fundamento como legítimo o dever de ajudar as crianças num orfanato, eu declino da minha liberdade de ir à praia nesse horário.* Tal pensamento se aplica às regras morais, portanto – quando é dito como agir eticamente – meu número de possibilidades possíveis são limitadas, consequentemente restringindo minha liberdade. Porém, só age moralmente quem assim o deseja. Logo, o sujeito moral é, por definição, livre, porque é ele mesmo quem decide agir por dever (TAILLE, 2006).

O referido autor abrilhanta esse debate expondo o seguinte:

Alguém poderá dizer aqui que somos totalmente determinados por forças inconscientes e que, portanto, nossos supostos “quereres” não passam de expressões de desejos que nos guiam à revelia nossa. Talvez, mas se aceitamos essa hipótese [...] devemos ter a coragem de dizer que a responsabilidade moral não existe, como, aliás, nenhuma outra forma de responsabilidade. Os seres humanos e os animais assim se equivaleriam. Todavia, como essa hipótese radical não somente não é convincente e como, sobretudo, implica redesenhar totalmente nosso universo moral, ético e político, podemos deixá-la de lado e afirmar que o sentimento de obrigatoriedade corresponde a um querer *conscientemente* (grifo nosso) concebido e livre. A oposição entre querer e dever não se sustenta, portanto. E alguém que diga que “sempre gosta de fazer o que lhe apraz”, está, na verdade, disfarçando um truísmo com um pobre apelo estereotipado de liberdade. Salvo em caso de coerção externa, todo mundo faz o que lhe apraz. O mistério está em saber porque algumas pessoas querem agir moralmente, e outras não. Não se trata de querer versus dever, mas sim de “quereres” diferentes, uns morais, outros não.” (TAILLE, 2006, p. 54).

Dando prosseguimento, convém se debruçar um pouco acerca da individualidade da ética do desejo. Lacan busca denominar uma Ética individualista e antissocial com sua ética do desejo, em que a individualidade do sujeito é valorizada, e o antissocial revela a inexistência de um Bem Supremo e não enxerga uma harmonia entre o coletivo e o individual.

Para Guyomard (1996), “a ética do desejo proposta por Lacan não pode ser considerada propriamente uma ética, uma vez que não se refere ao universal”. De acordo com o saber filosófico, propor uma ética que não se baseia e nem se norteia para um bem universal é visto como um contrassenso; para Lacan, “é uma questão irrelevante, pois o mesmo assume desde o início que sua proposta ética para a psicanálise tem pouco a ver com a Filosofia Moral.” (JUNQUEIRA; COELHO JUNIOR, 2005). Teixeira (1999) e Andrade Junior (2007) esclarecem que “a vertente estruturalista da psicanálise se orienta por uma ética na medida em que, neste caso,



a estrutura, em vez de ser integralmente determinada por suas regras, se organiza essencialmente em torno de uma falha”. Porém, Sperber-Canto (2004) explicita alguns pontos que devem ser levados em conta:

O fato de a moral e a ética associarem regras universais de ações e normas do comportamento individual e o fato também de existir um aspecto da reflexão ética relativo à realização da vida pessoal não devem, todavia, em nenhum caso, deixar pensar que a moral e a ética são assuntos de preferências individuais. Elas também não admitem uma concepção estritamente pessoal do que é bem ou mal. Elas absolutamente não consistem em deixar cada um forjar para si seu próprio sistema de valores ou de princípios, dando-lhe o direito de qualificá-lo legitimamente como ética. As normas, regras e engajamentos éticos não são objeto de gosto individual. A ética não é o lugar de sentimento arbitrário de cada um. A ética formula-se a partir de princípios universais, de regras comuns, de referenciais compartilhados que formam a base sólida e coletiva das avaliações e dos julgamentos. É precisamente por essa razão que uma reflexão comum sobre os princípios compartilhados por determinada profissão tem seu significado. (SPERBER-CANTO, 2004, p. 15-16).

Outro ponto que merece uma atenção é a lacuna em aberto da Psicanálise e a Ciência. Para um procedimento científico ser validado, é crucial que ele seja avaliado rigorosamente por diversos comitês e conselhos de Ética, e mais rigorosamente quando envolve o manejo e cuidado com seres humanos. Alguns autores são críticos costumeiros em relação à falta de cientificidade da Psicanálise, conseqüentemente, os procedimentos éticos em relação entre as duas parecem apontar hiatos e discordâncias entre elas.

O ponto de vista epistemológico pode ser particularmente proveitoso para avaliar a adequação, por exemplo, da insistência de Freud com relação ao caráter científico da psicanálise. À primeira vista, esse parece ser um pseudoproblema. Hoje em dia, os psicanalistas parecem não considerar relevante essa discussão. Por um lado, tantas são as críticas à cientificidade da psicanálise que dificilmente poder-se-á encontrar uma defesa desse ponto de vista. Wittgenstein, por exemplo, põe em evidência o aspecto mitológico e/ou metafísico da psicanálise, procurando distingui-la da ciência [...]. Popper, por sua vez, afirma que as hipóteses psicanalíticas, por não poderem ser falseadas, não devem ser consideradas científicas; elas assemelham-se, antes, àquelas hipóteses encontradas na astrologia e na teoria da história de Marx. Grünbaum, ao contrário, sustenta que o problema da psicanálise é que suas hipóteses podem sim ser falseadas e devem, *ipso facto*, ser caracterizadas como não científicas. (FRANGIOTTI, 2003, p. 67)

Como visto, a Ética é imprescindível para a Ciência, e com a Psicologia não é diferente. As diversas abordagens psicológicas respondem a um código de ética e o Conselho de Psicologia, que baliza e investiga as práticas e adverte contra faltas éticas, fato este que não encontramos na Psicanálise. Outrossim, segundo o Conselho Federal de Psicologia, através do Código de Ética profissional exorta os seguintes dizeres:

Um Código de Ética profissional, ao estabelecer padrões esperados quanto às práticas referendadas pela respectiva categoria profissional e pela sociedade, procura fomentar a auto-reflexão exigida de cada indivíduo acerca da sua práxis, de modo a responsabilizá-lo, pessoal e coletivamente, por ações e suas conseqüências no exercício profissional. A missão primordial de um código de ética profissional não é de normatizar a natureza técnica do

trabalho, e, sim, a de assegurar, dentro de valores relevantes para a sociedade e para as práticas desenvolvidas, um padrão de conduta que fortaleça o reconhecimento social daquela categoria. (CÓDIGO DE ÉTICA DE PSICOLOGIA, 2005, p. 05).

Como visto neste enxerto, o Código de Ética do psicólogo visa responsabilizá-lo caso alguma falta ética ocorra, seja de modo coletivo ou de modo pessoal, no exercício de sua profissão. Não obstante, não vemos a Psicanálise responder a um Código de Ética ou a um Conselho próprio, existindo até uma resistência por parte dos psicanalistas de responderem a uma instância superior. Como afirma o psicanalista Éric Laurent (2007), diante da iminência de uma regulamentação da profissão do psicanalista:

O laço da transferência supõe um lugar, o “lugar do Outro”, como diz Lacan, que não é regulado por nenhum outro específico. É aquele no qual o inconsciente pode se manifestar na maior liberdade de dizer e, portanto, de experimentar seus logros e dificuldades. É também o lugar no qual as figuras do parceiro da fantasia podem desdobrar-se em seus jogos de espelhos mais complexos. Por essa razão, a sessão psicanalítica não suporta o terceiro e seu olhar exterior ao próprio processo em questão. O terceiro se reduz a esse lugar do Outro. Esse princípio exclui, assim, a intervenção dos terceiros autoritários querendo atribuir um lugar para cada um e um objetivo já estabelecido para o tratamento psicanalítico. O terceiro avaliador se inscreve, assim, na série dos terceiros cuja autoridade o afirma do exterior daquilo que está em jogo entre analisante, o analista e o inconsciente (LAURENT, 2007, p. 217).

Fica claro após essa leitura a recusa da Psicanálise em ser regida por uma intervenção ética exterior. E, de certa forma, é possível perceber que a própria Psicanálise se blinda contra as críticas externas à sua prática denominando como “resistência”. “O diálogo é bloqueado, visto que, de todo modo, contestar a psicanálise é em si um “sintoma (recusa de uma realidade perturbadora)”. (MEYER, 2011).

Prosseguindo a discussão, há faltas éticas no manejo clínico desde Freud, até Lacan. Segue-se alguns exemplos de tais casos como apresentados por Meyer (2011) em colaboração com vários autores:

As pacientes que Freud via em meados dos anos 1890 não lhe haviam dito que tinham sofrido abusos sexuais durante a infância. Contrariamente ao que iria afirmar em seus artigos ulteriores, Freud escrevia na época que seus pacientes “não tinham nenhuma recordação” e lhe asseguravam “com veemência que não acreditavam” nos traumas sexuais infantis dos quais ele insistia serem eles vítimas. (MEYER, 2011, p. 50).

Temos um bom exemplo disso no caso de uma paciente que sofria de tiques faciais e de eczema em tomo da boca. Baseando-se nesses sintomas, Freud deduziu analiticamente que ela havia sido forçada durante a primeira infância a praticar felação. “Dei-lhe essa explicação”, escreveu ele a Fliess em 3 de janeiro de 1897, e, quando ela exprimiu sua incredulidade, “ameacei expulsá-la” caso persistisse em seu ceticismo. (MEYER, 2011, p. 51).

Enfim, no relato desse episódio que ele publicou em 1925, declarou que suas pacientes (no feminino) haviam tido na época fantasias que exprimiam o desejo de terem sido “seduzidas” pelo pai durante a primeira infância. Ao longo das metamorfoses da história, Freud modificou retroativamente a teoria que havia defendido originalmente a fim de tornar plausível a nova teoria, suprimindo, por exemplo, o fato de em 1896 haver insistido no caráter brutal de vários atentados sexuais por ele supostos. Com efeito, a história passou

por um certo número de fases antes de chegar à versão familiar que encontramos nas “Novas conferências de introdução à psicanálise” (1933) (MEYER, 2011, p. 52).

Conta que havia pacientes histéricos que não sabiam absolutamente nada sobre as causas de suas doenças e, particularmente, não tinham nenhuma recordação de haver sofrido abuso sexual na infância. De fato, sua teoria sustentava que se os pacientes pudessem se lembrar da “sedução” que remontava aos primeiros anos da infância eles estariam de algum modo protegidos da histeria. É unicamente porque não se lembram desses abusos que ficam doentes. Em seus artigos de 1896, Freud repete que exortava os pacientes a confessar que haviam sofrido abuso sexual na infância, mas que eles não se lembravam de nada e que, mesmo depois do tratamento, se recusavam a acreditar nessas “cenas”. Jamais ele conta que certos pacientes vieram a ele para lhe falar de abuso sexual — muito pelo contrário, já que isso iria de encontro à sua própria teoria! A sua “teoria da sedução” de 1896 é de fato bem diferente da descrição que lhe deu mais tarde. (MEYER, 2011, p. 58).

Como visto nesses exemplos mostrados por Meyer (2011), vemos a manipulação dos dados e a indução de respostas produzidas por Freud para consolidar sua própria teoria que se mostra inconsistente segundo os métodos científicos. Wittgenstein (apud FRANGIOTTI, 2003) compara a teoria psicanalítica com um processo de mitologia, e para isso Freud se mostrava muito persuasivo para corroborar suas teorias e análises – ainda que de um modo antiético:

O discurso metafísico produz um enfeitamento dotado de alta dose de persuasão, que ilude a mente e obscurece o uso da linguagem. O metafísico passa a ser visto como um mitólogo que, com uma narrativa sedutora, promove a solução de todos os problemas e, por meio disso, converte os indivíduos a toda uma visão de mundo (WITTGENSTEIN apud FRANGIOTTI, 2003, p. 75).

Além da manipulação de dados e sua implicação teórica-científica, qual a crítica é possível ser feita em relação ao manejo clínico da Psicanálise? Como se baliza o cuidado com o comportamento ético do paciente no divã, já que para Freud a moral era produtora de neuroses e para Lacan a ética do desejo e do gozo é o pilar da Psicanálise? O que é relatado acerca da postura e ordem de alguns analisados é, entretanto, bem diferente de um comportamento visando um proceder ético. Vejamos algumas contribuições de Meyer (2011):

Os freqüentadores do divã, a preocupação do Eu ultrapassa habitualmente a procura, essencial para a felicidade, de uma boa autoestima. Ao termo de sua enquete sobre a imagem da psicanálise na França, Serge Moscovici constatou que os entrevistados que conheciam analisados sublinhavam frequentemente o aumento do egocentrismo como uma consequência do tratamento. Ele resume as respostas escrevendo que o psicanalisado aparece como “arrogante, fechado, voltado para a introspecção”. A enquete de Dominique Frischer com cerca de sessenta analisados parisienses chega às mesmas conclusões. Assim, Jean-Pierre, “já egoísta no passado, reconhece que a análise desenvolveu esta tendência, fazendo dele um perfeito egocêntrico”. Marie-Hélène exulta “por ter se tornado individualista, egoísta, hedonista, autoritária”. Hoje o tratamento freudiano — sobretudo quando é conduzido por um lacaniano — leva frequentemente a uma verdadeira exaltação do Eu. (MEYER, 2011, p. 153).

[A Psicanálise] tem efeitos “comportamentais” e “éticos”? O próprio Freud era pessimista a esse respeito: Em 1913: “O fato de a psicanálise não ter tomado melhores e mais dignos os próprios analistas, de não ter contribuído para a formação do caráter, é para mim uma decepção. Provavelmente eu estava errado de esperar por isso.” Em 1915: “Sempre me espantei com a baixaza dos homens, mesmo dos analistas; mas por que os homens e mulheres analisados deveriam ser melhores? A análise permite uma certa unidade da personalidade, mas em si e por si não toma ninguém bom.” Em 1928: “Às vezes me desconcerta que os próprios analistas não sejam radicalmente alterados pelo seu relacionamento com a análise.” Em 1935: Em meio à multidão de analistas, “muitos, oh! são de um estofo humano pouco modificado pela análise.”(MEYER, 2011, p. 348).

Após essas leituras, é pertinente a feitura de algumas indagações: *Se o analista ocorrer em falta ética no exercício de sua profissão, quem o julgará? Se existe uma recusa pertinente dos psicanalistas de serem reconhecidos como profissão e/ou responderem ao Conselho, a quem um paciente lesado deve recorrer? Se a Psicanálise se coloca à parte da Ciência, e seus métodos e teorias são vistos por muitos como frágeis perante a epistemologia científica, por que o Conselho Federal de Psicologia e o Ministério da Educação ainda permite ser ensinado tal conteúdo nas Universidades de Psicologia?*

## 5 CONCLUSÃO

A elaboração desta revisão bibliográfica sobre a Filosofia Moral e a Psicanálise foram provenientes das áreas da Psicologia e da Filosofia. Foi visto como a Psicanálise desde sua origem tem uma visão conflituosa com a Filosofia Moral - ora declarando-a produtora de neuroses, ora renegando-a completamente no seu escopo teórico e prático e fundando uma ética própria. É visto que a produção literária sobre a ética da Psicanálise perfaz um volume considerável de debates e discussões, porém, há pouquíssimos estudos e tratados sobre uma visão crítica sobre como é o diálogo da Ética filosófica dentro da base clínica e teórica na mesma.

A análise de tais materiais coletados foi de suma importância para trazer à tona uma reflexão acerca desse tema. Como visto, a psicanálise instaurou uma ética própria, como prenunciada por Lacan. Quando ele funda a ética do desejo, ou *das Ding* como pedra fundamental ética da psicanálise, ele nega a relevância da Filosofia Moral para o escopo teórico da abordagem e conseqüentemente para o âmbito prático e clínico. Já para Freud, foi visto que o fator moral seria um entrave à análise, sendo, portanto, uma das causas do comportamento neurótico.

Porém, com a reflexão dos dados coletados, aponta-se uma lacuna da Psicanálise com a Ética que pode acarretar diversos problemas, desde epistemológicos até mesmo clínicos. Como a Psicanálise não é devidamente embasada e sustentada acerca do objetivo comum da ética – quer seja um imperativo categórico da Lei Moral, quer seja através da busca da Felicidade ou do Sumo Bem eudaimônico – tampouco é instaurado um *modus ethica* próprio sem estruturas filosóficas consistentes, é necessário que isso seja visto com cautela e precaução, sobretudo no ambiente clínico. Como parafraseia Sperber-Canto (2004) :

Da relação de cuidar pode-se dizer, de uma parte, que ela deve permanecer em conformidade com as regras e os códigos; de outra parte, que ela não está livre de seu fim. Ela está orientada para o bem do paciente (ausência de sofrimento, busca de um bem-estar objetivo, conformidade a seus valores). [...] a relação de cuidado é uma dessas relações humanas em que a maioria

dos elementos que constituem a experiência moral está presente. Mas, além de envolver uma relação com o outro, ela envolve uma relação com o outro vulnerável, muitas vezes não de maneira permanente, mas numa vulnerabilidade temporária, onde a significação ética da mudança de condição humana não pode ser percebida. (SPERBER-CANTO, 2004, p. 124- 125).

Por fim, esse artigo tem como objetivo lançar bases para novas pesquisas sobre o tema. Longe de querer tecer conclusões pétreas, reconhece-se que esse trabalho é o início para estudos mais aprofundados e para maiores discussões acerca do assunto.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE JUNIOR, Moisés de. O desejo em questão: ética da psicanálise e desejo do analista. **Psychê**, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 183-196, dez. 2007.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

SPERBER-CANTO, Monique. **Que devo fazer?: a filosofia moral**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética profissional do psicólogo**. Brasília, 2005.

FERRAZ, Carlos Adriano. **Elementos de Ética: da antiguidade à modernidade**. Pelotas: Dissertatio Incipiens, 2014. Disponível em: <http://nepfil.ufpel.edu.br>. Acesso em: 1 out. 2021.

FRANGIOTTI, Marco Antonio. Contribuições de Wittgenstein à epistemologia da psicanálise. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 59-93, jun. 2003.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 18 v. Tradução de: Paulo César de Souza.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 11 v. Tradução de: Paulo César de Souza.

FREUD, Sigmund. **O Delírio e os Sonhos na Gradiva, Análise da Fobia de um Garoto de Cinco Anos e Outros Textos (1906-1909)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 8 v. Tradução de Paulo César de Souza.

FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 19 v. Tradução de: Paulo César de Souza.

GUYOMARD, Patrick. **O gozo do trágico: Antígona, Lacan e o desejo do analista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

JUNQUEIRA, Camila; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Considerações acerca da ética e da consciência moral nas obras de Freud, Klein, Hartmann e Lacan. **Psychê**, São Paulo, v. 9, n. 15, p. 105-124, jun. 2005.

LACAN, Jacques. **O Seminário: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 7 v.

LAURENT, Éric. **A sociedade do sintoma: a psicanálise, hoje**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.

MEYER, Catherine (org.). **O livro negro da psicanálise: viver e pensar melhor sem freud**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

NORONHA, Daisy Pires; FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. Revisões de literatura. In: [S.l: s.n.], 2000.

ROSA, Miriam Izolina Padoin dalla; ROSA, Andrinea Cordova da. A Ética na psicanálise. **Akrópolis**, Umuarama, v. 11, n. 1, p. 41-44, jun. 2009.

LA TAILLE, Yves de. **Moral e Ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

TUGENDHAT, Ernst. **Lições sobre ética**. Petrópoles: Editora Vozes, 2012.

## AGRADECIMENTOS

Ao Jorge Dellane da Silva Brito, pela oportunidade e paciência em me orientar nesse processo.

Ao Wilmar Roberto Gaião, pelas conversas nos corredores, pelas aulas e pelas conversas edificantes, o meu mais sincero obrigado.

Ao Thiago Silva Fernandes pelas conversas e debates filosóficos no grupo de estudo e na supervisão.

À minha mãe Maria de Fátima Dias Reis, às minhas irmãs Luciana Kátia Reis, Lígia Maria Reis e Lílian Patrícia Reis pela compreensão, ajuda e amor na minha jornada acadêmica e pessoal.

Aos meus sobrinhos Tales Rodrigues Reis, Lucas Rodrigues Reis, Larissa Reis Alves e Felipe Reis Alves, por todo apoio e carinho para comigo.

Aos queridos amigos Ana Beatriz Miranda Jorge, Patrick Silva Marques, Maria de Lourdes Campos de Macedo Gomes, Agnes Vitória Cordeiro Durães, Camila Victória Pereira da Silva, Jéssica Farias da Silva Furtado e Melissa Evilyn Bezerra do Amaral, pelos ombros, ouvidos e abraços quando eu mais precisei. Meu mais sincero obrigado.

Às funcionárias da limpeza do departamento de Psicologia, que além de me ajudar em diversos momentos, me ensinaram muito sobre o que é uma escuta atenta e acolhedora.